

RODRIGUES MARQUES é maranhense da cidade de Caxias. Publicou seu primeiro conto aos doze anos. Desde 1956 tem-se envolvido em movimentos literários, participando de antologias, organizando o *Festival de Poetas Inéditos* (Rio), fundando editora (*Caminho*), tendo sido incluído como verbete em *Brasil e Brasileiros de Hoje*, organizado por Afrânio Coutinho, recebendo dezenas de prêmios, entre os quais podemos citar como mais importantes: *Orlando Dantas – IV Centenário do Rio de Janeiro*; *Graça Aranha – MA*; *Coelho Neto – MA*; *de Ficção do Banco Regional de Brasília*, no IV Encontro de Escritores – DF; *de Ficção Governo do Distrito Federal*, no V Encontro de Escritores – DF; *Adelino Magalhães*, de contos, do Governo do Estado do Rio de Janeiro; *de Romance do Governo do Estado da Guanabara*; *de Romance do Governo do Estado de Goiás*, agora publicado. Muito acertadamente, Dinah Silveira de Queiroz o chamava de *papa-prêmios*. Tem dez livros publicados.



JULIETA, COISA & TAL
RODRIGUES MARQUES

15

ALÉM DO DR. ARMANDO, uma pessoa que Julieta gostava à sua mesa era o Borba. Sua bolsa era aberta às mulheres, aos amigos, não era homem de pedir ao garçom para explicar direito a conta, dizer quantas cervejas foram, quantos uísques consumiram. Dizia: – “Eu ganho dinheiro, dinheiro não me ganha”. Desde o começo do ano que Julieta o aceitava na mesa com uma alegria que não procurava esconder. Ele mesmo mandava que chamasse umas amigas e não se preocupassem com o que pedissem. Naqueles tempos de dinheiro curto por causa dos prejuízos que as enchentes causaram, era mesmo uma raridade um homem como aquele. Ele só fazia uma exigência:

– Quando estou numa mesa rodeado de mulheres, não tenho compromisso com nenhuma. A que eu simpatizar, na hora, levo para o quarto.

Muitas vezes Julieta estava certa de que iria dormir com ele e, de repente, o homem puxava uma outra mulher para dançar um bolero ou um samba e, quando menos se esperava, sumia num quarto qualquer. Depois voltava para a mesa e era como se nada houvesse acontecido.

– Gente, já dei uma boa trepada e vocês ainda estão aí com esses copos cheios? Garçom! – batia palmas, chamando a atenção de todos – as mulheres aqui estão morrendo de sede... Traga umas cervejas geladas como costuma dizer o meu amigo Fogoió: geladas que nem bunda de jia...

Novamente arrastava outra mulher para dançar uma música qualquer, um bolero que ele dizia ser igual a sua vida e Julieta balançava a cabeça:

– Esse Borba é louco mesmo...

E ficava esperando sua vez de ser levada para o meio do salão, onde ele – exímio dançarino – mostrava toda a graça e a agilidade dos seus pés.

29

ERA VERDADE: NÃO CONHECIA MESMO CAXIAS. Conhecia somente a Rua da Areia, meia dúzia de outras, os becos mais próximos, uma das praças. Da Praça Gonçalves Dias tinha uma lembrança muito triste encravada na alma: assim que chegou de Imperatriz, deu vontade de sentar num banco do jardim para ver as moças e os rapazes passando, os namorados repetindo o mesmo percurso horas seguidas. Um guarda a expulsou da praça. – “Mas eu não estou fazendo nada demais, só olhando”. O guarda a arrastou pelo braço e a deixou no Largo da Igreja do Rosário. – “Agora suma. A Praça Gonçalves Dias é lugar de moça e não de rapariga igual a você”.

Só sem destino, lenta, sem pensamentos na cabeça, ou muitos, embaralhados, entrou por uma rua de calçamento rude, saiu em outra, passou por becos imundos, pontilhões. Numa esquina viu redes abertas e coloridas a espera de compradores muitos homens idosos jogando gamão. Em frente a um salão de brilhar leu as palavras de um cartaz: Consulte o bolso antes de pegar no taco”. Quase tropeçou num homenzarrão com um amarrado de galinhas numa das mãos, a outra na cintura, olhando dois rapazes jogando bilhar. Passou por uma praça onde as palmeiras morriam de velhice e a grama secava sem tratamento, os livros amontoados nos canteiros, fazendo gazeta.

Subiu o Morro do Alecrim, de onde – diziam – a vista da cidade era uma beleza. Mas o que viu lá de cima foi decepcionante: Caxias não era nem mais nem menos do que um buraco, um anel de morros apertando o cerco. Desceu o morro, entrou por ruas de terra vermelha, tirou os sapatos, meteu os pés na água de um riacho e, como uma criança, ficou chutando durante algum tempo a correnteza. Depois procurou o caminho de volta e verificou que um sol enorme e vermelho estava se perdendo por trás de uns compridos e magros pés de babaçu.

40

A CASA AMARELA PLANTADA NA CALÇADA de quase dois metros e meio de altura, de dia parecia uma casa qualquer de família. De noite, virava quase um palácio. As luzes, em excesso a destacavam no meio das outras, iluminadas com lampiões ou com menor quantidade de lâmpadas. E, cedo logo, a radiola, no último volume, fazia o convite da noite. Meninos tocando burros lerdos eram os primeiros que apareciam, muito antes dos homens, vendendo barricas d’água. A Madame, comprando água, dizia sempre:

– Qualquer dia seco o Itapecuru de tanto comprar água. – E, depois, completava, cínica: - Mas também com tanto *priquito* pra lavar...

Com o incêndio do *Ninho de Ouro*, a *Casa Amarela* readquiriu a preferência dos homens e a Madame, incansável, procurava agradar a todos mandando buscar mulheres em Teresina e em São Luis, sem falar nas que vinham, espontaneamente, de Codó, Coroatá, Rosário e outras cidades mais próximas, pela questão de repetir a todo instante – acolher na *Casa Amarela* mais da metade das mulheres do *Ninho de Ouro*. Mandou chamar, também, Madalena e ofereceu os seus préstimos:

– Comadre, a *Casa Amarela* é sua. Você fique aqui até quando achar que deve ficar.

Madalena agradeceu e ficou só um mês na pensão. Durante o tempo em que permaneceu na *Casa Amarela* falou muito pouco. As poucas vezes que abriu a boca foi para dizer coisas assim:

– Até hoje não pude ainda compreender como foi que o fogo começou, como foi que tudo se acabou tão de repente.

A Madame aventurava:

– Capaz de ter sido algum inimigo seu ou de alguma mulher. Você tinha algum inimigo, Madalena?

– Que eu saiba, não.

– Eu também não acredito que tenha sido obra de inimigo. Uma ponta de cigarro jogada por um descuidado...

– É. Pode ter sido.

- E a polícia não descobriu nada ainda?
- E a polícia de Caxias descobre alguma coisa?

A Madame respondeu:

– Não descobre nada mesmo. – E, como se quisesse mudar de assunto, desceu do seu estrado e convidou a comadre para tomar uma cerveja com ela.

54

JULIETA FEZ QUESTÃO DE ENTRAR NO “HOTEL DOS VIAJANTES” levando nos braços um carneirinho branco – o último presente que lhe dera o Borba. O carneirinho branco aconchegado ao peito lhe dava a sensação de estar entrando numa nova vida. Até o último instante Borba ainda tentou convencê-la de que, com as *bases* do Cangalheiro, do Pé da Ladeira, do Alto da Seriema abertas dando lucro como estavam, não havia necessidade de abrir aquele em plena Rua Aarão Reis, parecendo querer afrontar as famílias de Caxias. Ela ponderou que o hotel era um sonho seu – antigo sonho – e que não queria morrer sem vê-lo realizado.

– Então, minha filha, nossos caminhos se separam aqui. O que eu podia fazer por você, já fiz. Não posso, também, me arriscar a perder a família e meus amigos, entrando e saindo do seu hotel, da nossa ligação. Mas era como ela mesma dizia, sempre que alguém ia contar qualquer coisa: “O que os olhos não vêem... o coração não sente”... Seria muita alta de consideração com minha família fazer um negócio desses...

Julieta disse que não podia força-lo a nada e que, enquanto vivesse, seria grata a ele. Mas não podia abrir mão da realização do seu velho sonho, o único, talvez, que conseguiu acalentar.

– Não vamos virar inimigos por isto.

Julieta disse:

– Deus me livre. E, além do mais, ainda não vai ser hoje que vamos nos separar, que vou para a Rua Aarão Reis.

Borba colocou os óculos e sentenciou:

– Tem que ser hoje o nosso último dia. A gente não pode ficar remançando com a verdade. Se já está tudo decidido mesmo, só voltarei aqui, depois que você me devolver as chaves desta casa. Não tenho pressa, mas não volto mais aqui antes da sua mudança.

Muito tempo havia passado e para o Borba tudo parecia resumido em poucas semanas. Às vezes Julieta perguntava se passara na *Casa Amarela*. Ele respondia:

– Despreendi o caminho da *Casa Amarela*. Só sei agora o rumo daqui.

Julieta colocou umas flores de papel no jarro em frente ao Borba e disse:

– Trabalhei tanto, hoje, lá no hotel, que não tive nem tempo de arrumar a casa e fazer a comida. – Sorriu: - Dentro de poucos dias, já posso receber os primeiros hóspedes.

– Podemos jantar na Corrente, hoje. Despedida.

Julieta deu por encerrada a arrumação das flores e decidiu:

– Tem uma carne de sol que comprei ontem, uma farinha d’água que ganhei de uma vizinha. E ainda tem uns camarões secos que sobraram do domingo. Em poucos minutos, faço o jantar melhor de Caxias. Você vai ver.

– Perdi a fome. Você me fez perder a fome. Convidei para a Corrente só para sair um pouco.

– Depois que a comida estiver pronta, o apetite volta.

– Não vou comer nada. Vou apenas tomar umas doses de uísque.

– Sem tira-gosto, sem nada?

– Sem tira-gosto, sem nada. Apenas vou pedir uma coisa e você: tire e esconda aquele relógio da parede. Hoje eu não quero beber preocupado com as horas. Aliás, nunca apreciei beber com relógio tomando conta de minha vida.

Julieta, rindo, calmamente, subiu num tamborete e retirou o relógio da parede.

– Satisfeito?

– Satisfeito. Agora esconda essa porcaria em algum lugar onde eu nem desconfie conde está.

Julieta sumiu no quarto com o relógio e, quando reapareceu, preparou duas doses de uísque. Sentou-se de frente para o Borba e insistiu:

– Você não quer mesmo que eu faça o jantar? É um instantinho só.

– Vou apenas beber umas doses de uísque e depois vou-me embora.

Julieta estava, de fato, cansada e não insistiu mais. Borba desabafou, amargo:

– Andei quase resolvido a deixar minha mulher por você. Mudei de ideia a tempo... Se tivesse feito isto, hoje eu estava arrependido... A única coisa em que você pensa mesmo nesta vida e no seu hotel. A melhor coisa que eu fiz foi continuar com a Inácia. Afinal de contas, vamos ser justos. Apesar de tudo, é Inácia que tem vivido comigo esses anos todos, lavado minha roupa, aturado os meus peidos... Fiz bem em não ter tomado nenhuma decisão contra ela.

Não sabia compreender porque, de tantas palavras bonitas que lhe dissera o Borba, só estas frases amargas lhe vieram à lembrança, enquanto arrumava uma coisa ou outra nos cômodos do seu *Hotel dos Viajantes*. De vez em quando o carneirinho branco balia na área interna do prédio e ela começava a se irritar com aquela presença que parecia gritar nos seus ouvidos que, dali em diante, tinha que romper as barreiras sozinha. Outra coisa que também passou a irritá-la foi um bem-te-vi que, do alto de uma cajazeira, gritava o dia inteiro:

– Triste vida. Triste vida.

Suspirava:

– Triste vida, sim. Não há nada mais triste do que a vida de uma mulher sozinha...

SENTADA NA ESPREGUIÇADEIRA, Julieta acompanhava o movimento da rua Aarão Reis. Num canto do céu, entre envergados coqueiros e uma velha casa abandonada, a lua maior que já vira experimentava a força para subir. Subia, lenta. Antes de subir, porem toda a área do céu já denunciava uma claridade quase de dia. Maria Gorda costumava dizer: - “Há dias para tudo”. – “Há noites para tudo”. Aquela era a sua grande noite de solidão. Estava do outro lado de Caxias, mas, na verdade, estava era do outro lado da sua própria vida. Na Rua da Areia todos os homens e mulheres a conheciam. Todo mundo. Na sua espreguiçadeira, Julieta se considerava quase uma estrangeira. Às suas costas, no alto da parede do casarão, a enorme placa: *Hotel dos Viajantes – Exclusivamente familiar*. Agora era que conseguia medir sua audácia. Muita audácia mesmo vir lá de Imperatriz, depois de passar pela *Casa Amarela* e abrir um hotel numa das ruas mais importantes de Caxias. Muitas humilhações tivera que aguentar até chegar àquela espreguiçadeira. Até na cara apanhara um dia. Um bêbado quase a furou com uma faca porque ela não concordara em dormir com ele. Na rua as famílias a olhavam com desprezo, com ódio, quase. Como se fosse ela que entrasse nas suas casas para levar seus

maridos para *Casa Amarela*. Eles iam com seus próprios pés. Mulher nenhuma ia tirar homem nenhum do quente de suas esposas. Se eles iam para a zona era porque seus ninhos já não eram tão quentes assim. Mas não foi só de espinhos o seu caminho até ali. Com muita gente boa topara na caminhada: homens e mulheres. Lembrou-se de Maria Gorda. Maria Gorda, onde estivesse, deveria estar feliz vendo-a à porta do seu *Hotel dos Viajantes*.

No dia em que deixara a casa do Borba para ir, definitivamente, para o seu hotel, passara por várias esquinas, onde velhos aposentados jogavam gamão, da manhã à noite. O Borba um dia lhe dissera:

– Eles jogam para esperar a morte. Quando chega a notícia da morte de um deles, parece que se esquecem das palavras e só se ouve o barulho das pedras nos tabuleiros.

Não sabia porque aquelas palavras de Borba lhe vieram à mente no momento em que entrara no *Hotel dos Viajantes* com seu carneirinho branco. Não fazia o mínimo sentido a lembrança daquelas palavras, no momento em que inaugurava uma nova fase de sua vida. Havia passado pelas esquinas, onde, costumeiramente, os velhos se entretinham com seu jogo, mas nem sequer os observara, tão alheada estava. Quando começou, porém, a abrir as janelas para arejar o casarão, já não pensava mais nas palavras do Borba. Cada janela lhe aumentava a certeza de rompimento com o passado. As janelas rangiam nas dobradiças há tanto tempo sem serventia e a luz do sol entrava nos cômodos, deixando as mais diversas formas geométricas sobre os ladrilhos recém-lavados.

– Amanhã mesmo vou escrever contando que sou dona de um hotel familiar.

Agora mesmo podia decidir a fazer a carta para o pai ou mãe, tantas vezes iniciada e tantas vezes rasgada. E, às vezes, só rascunhada no pensamento. Na *Casa Amarela*, quase todos os dias, prometia a ela mesma escrever para a família em Imperatriz. Quase nunca procurava o papel e a caneta. Com o correr do tempo, compreendeu que, no fundo, não tinha nenhuma vontade de dar suas notícias. Arranjava desculpa: - “Quem sabe, mais tarde, quando eu sair desta vida?” Nunca escreveu. Continuará adiando a remessa da carta por muito tempo. Sabia lá se aquela aventura de abrir um hotel ia dar certo?

O alto-falante, na Praça Gonçalves Dias, iniciava sua programação noturna. Depois de vários anúncios, o locutor leu a propaganda do *Hotel dos Viajantes*. Julieta estremeceu na espreguiçadeira quando ouviu o locutor lendo, compassadamente, o seu anúncio:

- “Caxias agora tem um hotel à altura das suas tradições: *Hotel dos Viajantes*. Exclusivamente familiar. Preços módicos. Cozinha de primeira. Hospedar-se no Hotel dos Viajantes é sinônimo de bom gosto”.

Julieta deu uma olhada na placa, com orgulho. Lá estava seu nome por inteiro: *Julieta Cardoso Bandeira* encimando, na tabua, o desenho de um homem com uma mala na mão, tal como havia sugerido ao pintor.

Estava tão perdida em seus pensamentos que não ouviu quando alguém parou atrás da espreguiçadeira. Nem adivinhou, de pronto, de quem era aquelas mãos que, leves, pousaram nos seus ombros. Suspendeu a cabeça para a descoberta: lá estava o sorriso do Dr. Armando chegando, mais uma vez, quando ela tanto necessitava dele.